

## Poesia de Abril na BE



Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo

*De Sofia de Mello Breyner Andresen*



## O Portugal Futuro

O portugal futuro é um país  
aonde o puro pássaro é possível  
e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
as profundas crianças desenharão a giz  
esse peixe da infância que vem na enxurrada  
e me parece que se chama sável  
Mas desenhem elas o que desenharem  
é essa a forma do meu país  
e chamem elas o que lhe chamarem  
portugal será e lá serei feliz  
Poderá ser pequeno como este  
ter a oeste o mar e a espanha a leste  
tudo nele será novo desde os ramos à raiz  
À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
e na avenida que houver à beira-mar  
pode o tempo mudar será verão  
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
mas isso era o passado e podia ser duro  
edificar sobre ele o portugal futuro

*Ruy Belo*

## Trova do vento que passa

Pergunto ao vento que passa  
notícias do meu país  
e o vento cala a desgraça  
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam  
tanto sonho à flor das águas  
e os rios não me sossegam  
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas  
ai rios do meu país  
minha pátria à flor das águas  
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas  
pede notícias e diz  
ao trevo de quatro folhas  
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa  
por que vai de olhos no chão.  
Silêncio -- é tudo o que tem  
quem vive na servidão.

Vi florir os verdes ramos  
direitos e ao céu voltados.  
E a quem gosta de ter amos  
ví sempre os ombros curvados.

E o vento não me diz nada  
ninguém diz nada de novo.  
Vi minha pátria pregada  
nos braços em cruz do povo.

Vi minha pátria na margem  
dos rios que vão pró mar  
como quem ama a viagem  
mas tem sempre de ficar.

Vi navios a partir  
(minha pátria à flor das águas)

vi minha pátria florir  
(verdes folhas verdes mágoas).

Há quem te queira ignorada  
e fale pátria em teu nome.  
Eu vi-te crucificada  
nos braços negros da fome.

E o vento não me diz nada  
só o silêncio persiste.  
Vi minha pátria parada  
à beira de um rio triste.

Ninguém diz nada de novo  
se notícias vou pedindo  
nas mãos vazias do povo  
vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro  
dos homens do meu país.  
Peço notícias ao vento  
e o vento nada me diz.

Quatro folhas tem o trevo  
liberdade quatro sílabas.  
Não sabem ler é verdade  
aqueles pra quem eu escrevo.

Mas há sempre uma candeia  
dentro da própria desgraça  
há sempre alguém que semeia  
canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste  
em tempo de servidão  
há sempre alguém que resiste  
há sempre alguém que diz não.

*Manuel Alegre*

## Queixa das Almas Jovens Censuradas

Dão-nos um lírio e um canivete  
E uma alma para ir à escola  
Mais um letreiro que promete  
Raízes, hastes e corola  
Dão-nos um mapa imaginário  
Que tem a forma de uma cidade  
Mais um relógio e um calendário  
Onde não vem a nossa idade  
Dão-nos a honra de manequim  
Para dar corda à nossa ausência.  
Dão-nos um prêmio de ser assim  
Sem pecado e sem inocência  
Dão-nos um barco e um chapéu  
Para tirarmos o retrato  
Dão-nos bilhetes para o céu  
Levado à cena num teatro  
Penteiam-nos os crânios ermos  
Com as cabeleiras das avós  
Para jamais nos parecermos  
Connosco quando estamos sós  
Dão-nos um bolo que é a história  
Da nossa história sem enredo  
E não nos soa na memória  
Outra palavra que o medo

Temos fantasmas tão educados  
Que adormecemos no seu ombro  
Somos vazios despovoados  
De personagens de assombro  
Dão-nos a capa do evangelho  
E um pacote de tabaco  
Dão-nos um pente e um espelho  
Pra pentearmos um macaco  
Dão-nos um cravo preso à cabeça  
E uma cabeça presa à cintura  
Para que o corpo não pareça  
A forma da alma que o procura  
Dão-nos um esquife feito de ferro  
Com embutidos de diamante  
Para organizar já o enterro  
Do nosso corpo mais adiante  
Dão-nos um nome e um jornal  
Um avião e um violino  
Mas não nos dão o animal  
Que espeta os cornos no destino  
Dão-nos marujos de papelão  
Com carimbo no passaporte  
Por isso a nossa dimensão  
Não é a vida, nem é a morte.

*Natália Correia*

## Livre

"(Não há machado que corte  
a raiz ao pensamento)

"(Não há machado que corte  
a raiz ao pensamento)

(não há morte para o vento  
não há morte)

(não há morte para o vento  
não há morte)

Se ao morrer o coração  
morresse a luz que lhe é querida

Se ao morrer o coração  
morresse a luz que lhe é querida

sem razão seria a vida  
sem razão

sem razão seria a vida  
sem razão

Nada apaga a luz que vive  
num amor num pensamento

Nada apaga a luz que vive  
num amor num pensamento

porque é livre como o vento  
porque é livre

porque é livre como o vento  
porque é livre

"(Não há machado que corte  
a raiz ao pensamento)

"(Não há machado que corte  
a raiz ao pensamento)

(não há morte para o vento  
não há morte)

(não há morte para o vento  
não há morte)

Se ao morrer o coração  
morresse a luz que lhe é querida

Se ao morrer o coração  
morresse a luz que lhe é querida

sem razão seria a vida  
sem razão

sem razão seria a vida  
sem razão

Nada apaga a luz que vive  
num amor num pensamento

Nada apaga a luz que vive  
num amor num pensamento

porque é livre como o vento  
porque é livre

porque é livre como o vento  
porque é livre.

*Carlos Oliveira*